

RESIGNIFICANDO A DOCÊNCIA EM CONTEXTO DE CRISE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM UMA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS NÃO-FORMAIS

Caroline Baranzeli¹
Marília Costa Morosini²

Resumo:

O presente trabalho é um relato de experiência sobre a docência, em uma disciplina de Educação em Ambientes Não-formais, no curso de Pedagogia, ministrada à distância no contexto da pandemia de Covid-19. O objetivo é refletir sobre os desafios e as possibilidades impostas pela realidade do ensino, de modo remoto, em contexto de crise. Apresenta-se os questionamentos e reflexões que levaram a adaptação curricular, reflexão sobre as competências fundamentais que os estudantes deveriam desenvolver sobre o tema em um contexto pandêmico (Solidariedade, Competências Socioemocionais, Aprendizagem Autônoma, Autocuidado, Cuidado do outro e Resiliência) e ferramentas utilizadas para potencializar o ensino e interações entre estudantes na educação à distância. Concluiu-se que as principais competências a serem desenvolvidas pelos docentes são flexibilidade e criatividade. Observou-se que a utilização de ferramentas ativas possibilitou maior engajamento dos estudantes nos processos de aprendizagem e no domínio dos conceitos sobre o tema da Educação em Ambientes Não-Formais. Por fim, reitera-se a importância da escuta ativa e acolhimento de propostas dos estudantes, visto que as reflexões produzidas de maneira conjunta possibilitaram o repensar de nossa atuação e a observação de novos caminhos a serem explorados ao longo da disciplina.

Palavras-chave:

Educação não-formal, Formação docentes, Práticas educativas, contexto pandêmico.

RESIGNIFYING TEACHING IN THE COVID CONTEXT: AN EXPERIENCE REPORT ON TEACHING PRACTICE IN A DISCIPLINE FOR EDUCATION IN NON-FORMAL CONTEXTS

Abstract:

This work presents a teaching experience report, in a discipline of Education in Non-formal Environments, in the Education undergraduate course, instructed at a distance on the context of the Covid-19 pandemic. The objective is to reflect on the challenges and possibilities imposed by remotely teaching in a context of crisis. The work presents questions and reflections that led to curricular adaptation, analysis on the fundamental competencies that students should develop about the theme in a pandemic context (Solidarity, Socioemotional Competences, Autonomous Learning, Self-Care and Resilience) and tools used to enhance the teaching and interactions between students in distance education. Was observed as competences to be developed by academics are flexibility and creativity. We also noticed the use of active tools as an enabler of student engagement in the learning processes and the domain of concepts on the theme of Education in Non-Formal Environments. Furthermore, we enlight the importance of active listening and acceptance of students' proposals, as the

¹ Doutorada em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: caroline.baranzeli@edu.pucrs.br.

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail mcmorosini@pucrs.br.

reflections produced jointly made it possible to rethink our performance and observe new paths to explore.

Keywords:

Non-formal education, Teacher training, Educational practices, pandemic context.

LA ENSEÑANZA RESIGNIFICADA EN EL CONTEXTO DE CRISIS: UN INFORME DE EXPERIENCIA SOBRE LA PRÁCTICA DOCENTE EN UNA DISCIPLINA PARA LA EDUCACIÓN NO FORMAL

Resumén:

El presente trabajo es un relato de experiencia sobre la docencia, en una disciplina de Educación en Ambientes No Formales, en el curso de Pedagogía, impartida a distancia en el contexto de la pandemia Covid-19. El objetivo es reflexionar sobre los retos y posibilidades que impone la realidad de la docencia, a distancia, en un contexto de crisis. Presenta las preguntas y reflexiones que llevaron a la adecuación curricular, la reflexión sobre las competencias fundamentales que los estudiantes deben desarrollar sobre el tema en un contexto pandémico (Solidaridad, Competencias Socioemocionales, Aprendizaje Autónomo, Autocuidado, Cuidado de los demás y Resiliencia) y herramientas utilizadas para mejorar la enseñanza y las interacciones entre estudiantes en educación a distancia. Se concluyó que las principales competencias a desarrollar por los docentes son la flexibilidad y la creatividad. Se observó que el uso de herramientas activas permitió una mayor participación de los estudiantes en los procesos de aprendizaje y en el dominio de conceptos sobre la temática de Educación en Ambientes No Formales. Finalmente, se reitera la importancia de la escucha activa y la aceptación de las propuestas de los estudiantes, ya que las reflexiones producidas en conjunto permitieron repensar nuestra actuación y observar nuevos caminos a explorar en toda la disciplina.

Palabras clave:

Educación no formal, Formación de profesores, Prácticas educativas, Contexto pandémico.

Introdução

Ao longo dos séculos a humanidade enfrentou distintas epidemias e pandemias: Praga de Justiniano, Peste Bubônica (no período Medieval europeu), Varíola, Sarampo, Tifo, Caxumba, Gripe Espanhola, Ebola e HIV. Quando estudávamos sobre esses temas nas aulas de História pareciam algo distante, descolados de nossas realidades e dos avanços da ciência contemporânea. Todavia, com o advento do século XXI, a consolidação da globalização e novos fluxos migratórios, o surgimento de pandemias como gripe A (no ano de 2009) e Covid-19 (ano de 2020) demonstram que, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, doenças transmitidas por vírus e bactérias permanecem desafios contemporâneos.

A maior pandemia do século XX, a Gripe Espanhola³, marcou uma geração e matou em torno de 20 milhões⁴ de pessoas no curto período de 1918-1919 (BERTUCCI, 2003; 2009). Similar a situação que vivemos, com o objetivo de conter o alastramento da doença, governos promoveram o fechamento de instituições públicas e privadas alterando estruturas sociais, políticas e econômicas. No contexto brasileiro, as aulas foram paralisadas, de modo que em dezembro de 1918, o presidente Delfim Moreira publicou decreto onde estudantes, de todos os níveis de ensino, foram promovidos a série ou ano superior ao em que estavam matriculados (BRASIL, 1918). Não há dados precisos sobre a quantidade de estudantes afetados pela pandemia da Gripe Espanhola naquele momento, todavia sabe-se que o País contava com um escasso número de escolas de ensino Superior, algo em torno de 56 instituições, em sua grande maioria privadas (BORTOLANZA, 2017).

Com o passar dos anos e o processo de democratização da Educação implementando com de Constituição de 1988, ampliou-se o acesso de estudantes à educação em todos os níveis. Os dados do Censo de 2019 demonstram que o Brasil conta com 47 milhões de estudantes na Educação Básica (BRASIL, 2020) e 8.6 milhões de estudantes, em 2.806 instituições, de Educação Superior (BRASIL, 2020). Estes, por sua vez, foram duramente impactados pelo fechamento dos espaços educacionais em função da pandemia de Covid-19. Contudo, diferentemente de 1918, os avanços tecnológicos nos são suporte para possíveis práticas e estratégias para o ensino de maneira domiciliar.

Nesse momento de fluidez, rápidas transformações, necessidade de compreensão das soluções encontradas no passado, e proposição de alternativas para nossos contextos, a realidade nos impõe a reflexão: O que significa ser um docente universitário em um contexto de pandemia? Como as transformações apresentadas modificaram as práticas educativas ao longo do ano de 2020? Como trabalhar a formação de professores, em ambientes não-formais de aprendizagem, de maneira virtual?

O presente relato de experiência busca discorrer sobre estes questionamentos e de que forma a experiência docente, no contexto pandêmico, modificou rotas, fornecendo pistas para transformações de nossas práticas no espaço universitário. As reflexões e propostas aqui

³ Estudiosos afirmam que o vírus surgiu nos Estados Unidos. Com a mobilidade de soldados norte-americanos para solo europeu, no contexto da Primeira Guerra Mundial a doença se alastrou rapidamente ao redor do Globo. A Espanha era um país neutro na Guerra, não censurava as informações, e foi o primeiro país a divulgar notícias sobre a doença que assolava o território. Dessa maneira, o vírus acabou ganhando o nome de Gripe Espanhola, como se tivesse se originado no país (BERTUCCI, 2003; 2009). Tal situação relembra o caso da epidemia de Zika vírus, no qual o Brasil foi o primeiro país a reportar a doença e acabou sendo marcado como local de origem do mesmo.

⁴ Alguns estudiosos afirmam que o número chegou a 50 milhões de mortos.

apresentadas surgiram a partir de nossa atuação como docentes em uma disciplina de Educação em Espaços Não-formais no curso de Pedagogia, em uma instituição comunitária, de Educação Superior da região sul do País.

Adaptando-se a um novo contexto: as possibilidades e desafios do ensino em um contexto pandêmico

A CEPAL/UNESCO (2020) discorre que, no contexto latino-americano, a pandemia de Covid-19 aprofundou as já existentes crises da região: o aumento nos índices de pobreza, persistência nas desigualdades e forte descontentamento social com gestores governamentais. No presente momento, na América Latina, em torno de 165 milhões de estudantes (CEPAL-Unesco, 2020). estão sem aulas presenciais na Educação Básica e 23,4 milhões de estudantes na Educação Superior (IESALC-Unesco, 2020). Nóvoa (2020) reforça a importância da presença de escolas e universidades no contexto de crise, visto que ambas são instituições centrais e decisivas para o futuro e não podem se ausentar da vida de seus educandos – para muitos estudantes estas são suas únicas referências de Estado, de poder público. O pesquisador destaca que este não é o momento de se pensar no ideal, mas sim no que é possível para manter a conexão entre espaços educativos e estudantes.

No contexto universitário, acredita-se que as demandas da pandemia de Covid-19 geraram uma pedagogia da dor, mas também de esperança, o primeiro semestre de 2020 foi de desafios, descobertas e adaptações. Em todas as esferas do ambiente universitário, desde gestão à coordenação de cursos, bem como na atuação de distintos atores, docentes, discentes e técnicos administrativos, observou-se uma tentativa de compreender as rápidas imposições apresentadas pelas tentativas de conter o rápido espalhamento do vírus e promover processos educativos inclusivos e de qualidade. A impossibilidade do contato físico e distanciamento dos espaços de ensino marcaram este momento e geraram efeitos que devem perdurar nas próximas décadas.

A partir do segundo semestre de 2020, com uma reflexão mais apurada e já aceita percepção da necessidade de adaptabilidade constante, foi possível pensar em currículos, estratégias e práticas inovadoras para o ensino universitário no contexto domiciliar. Apesar de termos ministrado a disciplina de Educação em Espaços Não-Formais em outros momentos, atuar no espaço virtual se apresentou um desafio.

A Educação não-formal se caracteriza como um campo próprio, de múltiplas dimensões, que se articula com a educação formal e informal, mas que possui como característica básica a formação para a cidadania:

[...] engloba os saberes e os aprendizados gerados ao longo da vida, principalmente em experiências envolvendo a participação social, cultural ou política em determinados processos de aprendizagens, tais como projetos sociais, movimentos sociais etc. Há sempre uma intencionalidade nestes processos. Assim, a educação não formal contribui para a produção do saber na medida em que atua no campo no qual os indivíduos atuam como cidadãos. Ela aglutina ideias e saberes produzidos pelo compartilhamento de experiências, produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdados e saberes novos adquiridos. (GOHN, 2016, p.61)

Este campo de ensino não possui um currículo *a priori* e pode ocorrer nos mais distintos espaços físicos, institucionais e não institucionais (JACOBUCCI, 2008) como, por exemplo, Museus, Planetários, Jardins Botânicos, Zoológicos, Centros de Ciências, ONG's, Parques, Praças, Cinema e até pela internet. Dessa maneira, as vivências, trocas e experiências presenciais são potentes ferramentas para a compreensão teórica-metodológica de educadores e educandos, visto que a Educação Não formal depende da observação, reunião, diálogo problematizador e contato com o outro, ganhando potência e sentido na relação dos distintos espaços físicos em que os sujeitos estão inseridos.

Assim, o primeiro desafio imposto na organização da disciplina foi realizar a tradução dessa teoria, fortemente enraizada na prática, para um contexto virtual. Destarte, textos e conteúdo foram repensados e reorganizados para o ensino domiciliar. Outro desafio foi pensar se o programa de estudos estava de acordo com a caracterização de nossos estudantes. A turma contava com pessoas de distintos cursos, Pedagogia, Letras, Matemática, Química, Filosofia, História. Ou seja, levando em consideração que haviam distintas licenciaturas, houve uma preocupação na ênfase de formação de professores e educadores. No mais, outro aspecto relevante em nossa análise, foi o fato da disciplina ter carga horária de 2 créditos, ser ministrada em à noite (nos dois últimos períodos) e possuir um elevado número de participantes.

Fez-se necessário reanalisar os objetivos e competências que gostaríamos que os discentes desenvolvessem no ensino domiciliar. Se refletiu sobre as competências específicas que envolviam teorias e práticas do campo específico, bem como competências importantes na formação de futuros pedagogos e educadores em espaços não-formais: “conhecimento da área de atuação; ação didático-pedagógica; gestão de processos educativos; ação investigativa; exercício da cidadania” (MOROSINI, et al.,2011, p.236).

Para além, também se pensou no desenvolvimento de competências que contribuíssem nessa vivência ímpar dos estudantes. Assim, utilizou-se o documento da CEPAL-Unesco (2020) como norteador, visto que o mesmo apresenta como competências centrais para a formação no contexto pandêmico: Solidariedade, Competências Socioemocionais, Aprendizagem Autônoma, Autocuidado, Cuidado do outro e Resiliência (CEPAL-Unesco, 2020).

Definidas as competências que gostaríamos que os estudantes desenvolvessem, certas dúvidas permaneciam: Como promover interações significativas entre estudantes de distintos cursos no contexto virtual? Como conseguir atender as demandas individuais e coletivas de grupos distintos de cursos distintos? Nesse sentido, refletiu-se sobre a perspectiva de Boaventura (2020) que reforça a importância de atuação de acadêmicos como intelectuais de retaguarda. Ou seja, professores-pesquisadores precisam compreender as linguagens de seus estudantes, entender suas inquietudes e, a partir delas, teorizar coletivamente e pensar em práticas para transformação da realidade. Adicionou-se ao planejamento momentos de escuta e acolhimento coletivo, buscando compreender anseios e reforçando as competências que estavam desenvolvendo mesmo com as dificuldades do atual contexto. O diálogo se tornou eixo norteador da disciplina e arma potente para a construção de conexões entre docentes e estudantes.

Por fim, buscou-se ferramentas virtuais que dessem suporte ao trabalho docente de maneira interativa. Obviamente, esse processo demandou tempo, estudo e criatividade nas propostas, mas ao final da organização do programa da disciplina observou-se que cada aula trazia um aplicativo ou ferramenta de trabalho interativo distinta para os estudantes.

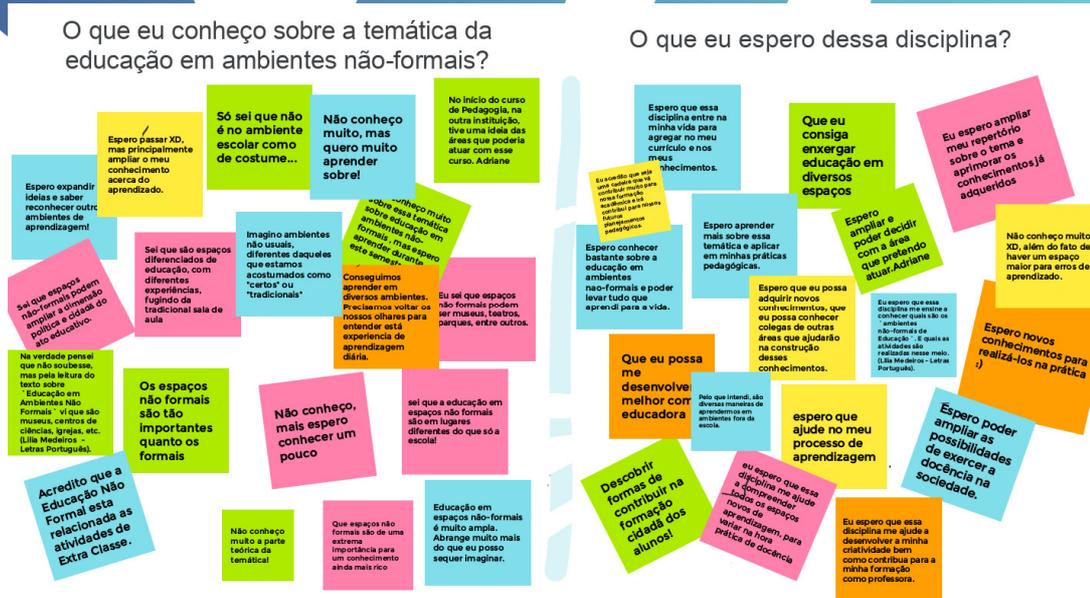
A organização na prática: estratégias encontradas para potencializar o ensino de maneira virtual

As aulas ocorreram no período de agosto a dezembro de 2020, com encontros semanais síncronos, a partir da ferramenta ZOOM, e a gravação das mesmas para que os estudantes pudessem assistir caso não participassem. Destaca-se que o objetivo da disciplina não era apenas que os estudantes desenvolvessem competências cognitivas, socioemocionais e interculturais. Buscava-se um letramento digital, ensinar como utilizar ferramentas online, para que pudessem empregá-las no futuro em ambientes de aprendizagem presenciais, virtuais ou híbridos. Concomitante, essas ferramentas possibilitaram a construção de conexões entre os estudantes de distintos cursos, visto que os grupos de trabalho eram organizados de

maneira intencional pelas docentes, sempre agregando discentes de diferentes campos do conhecimento e buscando desenvolver dinâmicas que possibilitassem aos mesmos espaço de fala a partir de suas vivências, realidades e estudos.

No primeiro encontro síncrono organizou-se um momento de escuta e acolhida, onde os estudantes se apresentavam e falavam sobre como estavam enfrentando o contexto pandêmico, apresentado suas expectativas sobre a disciplina nesta situação. Contudo, esse momento não foi apenas uma fala na sala de ZOOM, utilizou-se a ferramenta Google Jamboard (<https://jamboard.google.com/>), onde através de post-its, em mural coletivo, os discentes escreviam suas noções sobre os temas que seriam tratados ao longo do semestre e ao mesmo tempo conseguiam enxergar as produções dos demais colegas. O objetivo da dinâmica era saber como os estudantes se sentiam e o que sabiam naquele momento, na última aula do curso o quadro foi retomado e os estudantes tensionados a refletir sobre suas aprendizagens a partir do que haviam escrito.

Figura 1 – Atividade produzida através da Google Jamboard.

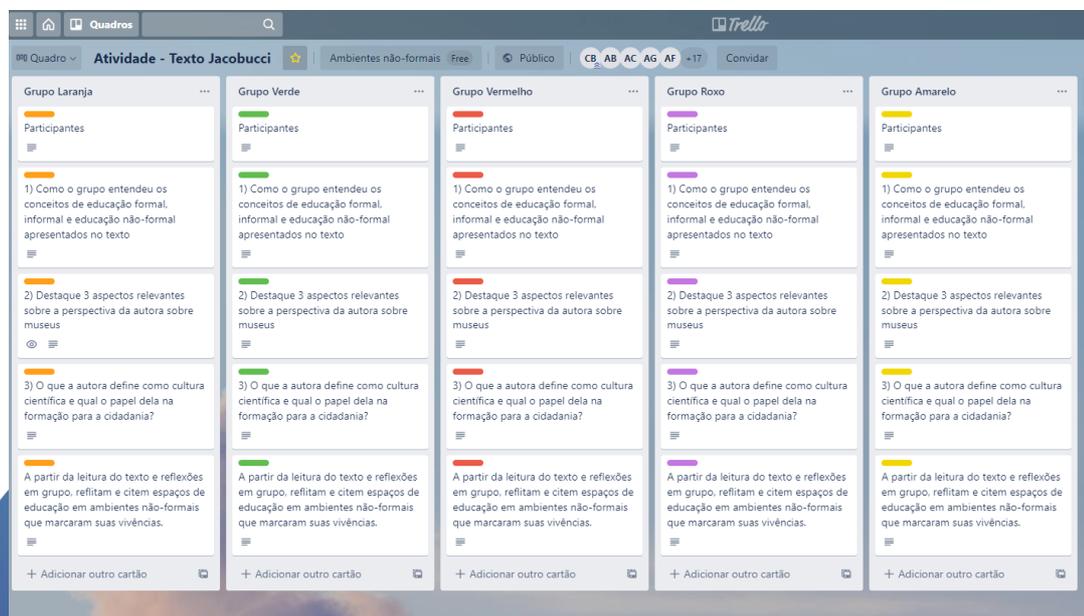


Font

As autoras (2020)

Nas aulas síncronas seguintes, solicitou-se a leitura de textos teóricos, onde os estudantes foram divididos em pequenos grupos de trabalho, organizados a partir da divisão de equipes na plataforma ZOOM. Em seus grupos, os estudantes respondiam, coletivamente, as questões presentes na ferramenta interativa Trello. Ressalta-se que antes da utilização das ferramentas, as docentes sempre apresentavam um breve tutorial de uso aos estudantes, explicando como os mesmos podiam acessar, como funcionava (através do compartilhamento de tela se mostrava as funcionalidades) e o objetivo final da tarefa.

Figura 2 – Atividade produzida através da ferramenta Trello.



Fonte: As autoras (2020)

Destaca-se que o interessante dessa ferramenta é que, ao mesmo tempo que respondiam aos questionamentos presentes nos itens da plataforma, os discentes podiam consultar e observar as respostas dos demais colegas de maneira síncrona. Ao final da atividade, os estudantes apresentaram suas respostas e discussões nos grupos, através de um relator e ficaram com uma produção coletiva, que pode ser consultada em distintos momentos pelos estudantes. Na sequência desta atividade, aulas expositivo-dialogadas foram organizadas, todas se restringiam a um pequeno espaço de tempo para a exposição das professoras, tendo como objetivo reforçar aspectos teóricos fundantes do campo da Educação Não-formal e ao mesmo tempo compreender as dúvidas e inquietações dos estudantes sobre os mesmos.

Outra estratégia utilizada com os estudantes foi a produção de um levantamento bibliográfico, utilizando princípios da ferramenta de Estado de Conhecimento. Morosini (2015) define este como: “[...] A identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.” (MOROSINI, 2015, p. 102). Assim, a partir do curso de graduação em que os estudantes estavam matriculados, eles realizaram uma pesquisa em teses e dissertações disponíveis em base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Figura 3 – Atividade produzida através da ferramenta Trello.

QUADRO - TESES/DISSERTACOES, IBICT, 2020
ESTADO DE CONHECIMENTO – TRABALHOS SELECIONADOS DO BTDT/ IBICT

TRABALHO 1

Tabela 1

REFERÊNCIA COMPLETA DO TRABALHO:

N. Trab / Ano	Autor	Título	Palavras-Chaves	Resumo

Fonte: As autoras, 2020.

O objetivo desse levantamento era observar como sua área de conhecimento estava produzindo trabalhos sobre o campo de Educação não-formal, trazendo os resultados e referências para o espaço de sala de aula, indo para além dos textos e perspectivas propostas pelas docentes, e apresentando as mesmas aos demais colegas de outras áreas de conhecimento. Assim, além de observar como o tema era tratado dentro de seu campo de conhecimento, valorizar os trabalhos produzidos sobre o tema em sua área, os estudantes podiam selecionar propostas e perspectivas que se adequassem mais ao seu interesse de atuação nos espaços de Educação não-formal, não ficando restritos a uma visão unívoca sobre o tema.

Outra estratégia utilizada nas aulas foi a participação de profissionais que atuam no campo, com distintas experiências, onde os estudantes podiam ouvir seus relatos, realizar perguntas e questionamentos. Dessa maneira, dois profissionais apresentaram seu trabalho, um com formação na área de Ciências Sociais e atuação como educador social, em comunidades de periferia, na cidade de Porto Alegre. Outro profissional com formação na área de Pedagogia e atuação como educadora social, com jovens em situação de vulnerabilidade, na cidade de Foz do Iguaçu.

A atividade de finalização da disciplina foi um trabalho escrito que deveria ser apresentado em formato de PITCH nas últimas aulas síncronas. A proposta era um imbricamento das perspectivas teóricas com um plano de ação. Assim, na parte textual os estudantes trouxeram suas experiências, bibliografia abordadas e discussões realizadas ao

longo do semestre relacionando as mesmas com uma possível intervenção em um ambiente de educação não-formal. Essa proposta de ação deveria conter: **O quê?** Qual a atividade proposta? Qual sua intencionalidade?; **Quem?** Definição/caracterização do local - público alvo – equipe; **Por quê?** Justificativa da relevância da atividade; **Onde?** Qual ambiente de educação não formal vai ocorrer a atividades?; **Objetivos**, conteúdos e escolha das referências a serem utilizadas; **Como?** Descrição das atividades/ações, contemplando metodologias e estratégias de avaliação que serão adotadas; e **Recursos** que seriam utilizados. A escolha pela apresentação em formato de PITCH se deu em função de seu curto tempo de apresentação, auxiliando os alunos a refletirem sobre a importância da capacidade de clareza e síntese nas apresentações de trabalho na área de Ciências Humanas.

Por fim, destaca-se a importância de uma plataforma centralizadora das informações sobre as aulas e avaliações, onde os estudantes podiam encontrar a ementa, cronograma da disciplina e materiais para leitura. No nosso caso, essa plataforma foi o Moodle, visto que a mesma foi utilizada de distintas formas para nortear os estudantes sobre as atividades propostas a cada semana. Na seção inicial do Moodle encontrava-se o plano de ensino da disciplina, onde estava presente a ementa, objetivos e avaliações, bem como, um cronograma das atividades por semana até o final do semestre.

Logo em seguida as seções foram organizadas de acordo com as atividades semanais, onde os estudantes encontravam um texto explicativo sobre o que aconteceria naquela aula, bem como os textos para leitura, links externos (caso alguma ferramenta online fosse utilizada) e espaço para postagem de suas produções avaliativas. As novas seções eram atualizadas de acordo com o cronograma previsto no plano de ensino e modificadas caso houvesse necessidade em relação as demandas de tempo ou da própria turma.

Considerações finais

Nóvoa (2020) destaca quatro aspectos fundamentais para o educadores em um contexto de pandemia: 1) Cooperação, ou seja, condições para o estudo e trabalho em conjunto; 2) Convergência, indo ao encontro da perspectiva interdisciplinar, a reorganização dos saberes que temos até o momento; 3) Criação e criatividade e; 4) Centralidade da cidade/comunidade nos conteúdos, objetos e objetivos de ensino. Acredita-se que muitas dessas proposições se fizeram presentes na disciplina ministrada em contexto pandêmico.

Ao longo deste texto propomos vários questionamentos, a partir de nossa experiência na disciplina, algumas pistas surgiram. No que diz respeito aos questionamentos: O que significa

ser um docente universitário em um contexto de pandemia? Como as transformações apresentadas modificaram as práticas educativas ao longo do ano de 2020? Destaca-se que a pandemia transformou nossas perspectivas, exigindo respostas rápidas e criativas às demandas impostas, especialmente no que diz respeito na adaptação de práticas ao contexto de ensino domiciliar. Talvez uma das principais competências a ser desenvolvidas por docentes neste contexto seja a flexibilidade. No mais, a escuta é fundamental, as reflexões produzidas com os estudantes fizeram com que repensássemos nossas atuações e observássemos novos caminhos a serem explorados.

Como trabalhar a formação de professores, em ambientes não-formais de aprendizagem, de maneira virtual? Como promover interações significativas entre os estudantes de distintos cursos no contexto virtual? Como conseguir atender as demandas individuais e coletivas de grupos distintos de cursos distintos? Para estas respostas observa-se a importância do domínio dos conteúdos a serem ministrados, mas também a abertura ao novo que é trazido pelos estudantes, principalmente suas experiências e relação entre teoria e práticas. Abrir espaços para ouvir suas demandas, perspectivas, dúvidas e necessidades. E que esses espaços sejam múltiplos e diversificados, não resumindo ao espaço da aula síncrona, mas sim em outras ferramentas de comunicação.

No mais, a utilização de ferramentas ativas possibilitou maior engajamento dos estudantes nos processos de aprendizagem, havia a disponibilidade, por parte dos mesmos na aprendizagem de inovações e ferramentas tecnológicas. Dessa maneira, a via de mão dupla (desejo por ensinar e aprender) por parte de discentes e docentes é fundamental, aproximando e potencializando as relações estabelecidas. Destaca-se que os estudantes também podem trazer ferramentas e propostas de trabalho para o espaço de ensino e, por muitas vezes, podem ensinar os docentes a utilizá-las.

Outro aspecto a ser destacado é a atenção dos docentes na organização de grupos com colegas de distintos cursos. Essa organização deve ser intencional, planejada e orientada, visto que podem haver dificuldades de comunicação à distância e muitos estudantes podem não se conhecer. Como fomentar a interculturalidade, no ensino à distância, se os estudantes permanecem nos mesmos grupos de trabalho com pessoas conhecidas? Pensar em estratégias na organização dos grupos faz com que se promova o contato com pessoas com distintas perspectivas e conhecimentos, fortalecendo as aprendizagens através da interdisciplinaridade e também do desenvolvimento de competências interculturais.

Analisando as produções finais dos estudantes, observou-se a potencialidade das atividades, os trabalhos práticos apresentaram propostas em distintos espaços de educação Não-Formal, como, por exemplo, Jardim Botânico, ONG's, Centros Comunitários, Museus, Feiras de Iniciação Científica. Observou-se o domínio dos aspectos teóricos, mas também dos diferentes campos de atuação de educadores em espaços não formais de aprendizagem. Outra relação estabelecida nas produções finais era o desejo e mudança e transformação da sociedade, todos os trabalhos e se relacionaram as propostas existentes na Agenda 2030 (ONU. 2015).

Por fim, observou-se o reconhecimento dos estudantes em relação suas aprendizagens na disciplina, mesmo em contexto pandêmico, isso se refletiu nas falas e avaliações feitas pelos discentes à disciplina.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 3.603, de 11 de dezembro de 1918.** Declara promovidos ao ano ou série superior àquele em estiveram matriculados todos os alunos das escolas superiores ou faculdade oficiais, Colégio Pedro II e militares, bem assim dos estabelecimentos de ensino equiparados ou sujeitos à fiscalização. Coleção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, v. 1, p. 196-198, jan./dez. 1919c.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2019: Resumo Técnico.** Brasília, 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior: Notas Estatísticas, 2019.** Brasília, 2020.

BERTUCCI, Liane Maria. Gripe A, uma nova "espanhola"?. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo , v. 55, n. 3, p. 230-231, 2009 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302009000300001&lng=en&nrm=iso.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. "Conselhos ao povo": educação contra a influenza de 1918. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 23, n. 59, p. 103-118, Apr. 2003 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003000100008&lng=en&nrm=iso.

BORTOLANZA, Juarez. Trajetória do ensino superior brasileiro – uma busca da origem até a atualidade. In Colóquio Internacional de Gestão Universitária: Universidade, desenvolvimento e futuro na sociedade do conhecimento, XVII, 2017, Mar del Plata - Argentina. **Anais do XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária.** Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2017, p. 1-16, 2017.

CEPAL/UNESCO. Informe COVID-19 CEPAL. **La educación en tiempos de la pandemia de COVID-19**. Agosto de 2020. Disponível em:
<https://www.cepal.org/es/publicaciones/45904-la-educacion-tiempos-la-pandemia-covid-19>.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal nas instituições sociais. **Pedagógica** v. 18, n. 39 Set./Dez. 2016. Disponível:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>. Acesso em 01 de agosto de 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-4230200900030000>.

IESALC-UNESCO. **COVID-19 y educación superior**: De los efectos inmediatos al día después - Análisis de impactos, respuestas políticas y recomendaciones. 13 de mayo de 2020. Disponível em: <http://www.iesalc.unesco.org/wp-content/uploads/2020/05/COVID-19-ES-130520.pdf>.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições Dos Espaços Não-Formais De Educação Para A Formação Da Cultura Científica**. Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao%20/article/viewFile/20390/10860>.

MOROSINI, Marília Costa. CABRERA, Alberto F.; FELICETTI, Vera Lucia, Competências do pedagogo: uma perspectiva docente. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 230-240, maio/ago, 2011.

MOROSINI, M.C.; FERNANDES, C.M.B. Estado do Conhecimento. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014

NÓVOA. A. Formação de professores em tempo de pandemia. Publicado pelo canal Instituto iungo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ef3YQcbERiM>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ONU. **Agenda 2030**. 2015. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2019

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.